

AS CONCEPÇÕES DE MULHERES DO SUDOESTE BAIANO SOBRE A MATERNIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Luciana Araújo dos Reis *
Raquel Souzas**
Maykon dos Santos Marinho***

RESUMO

Objetivos: Identificar e compreender a visão da maternidade no contexto do sudoeste baiano. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva com abordagem qualitativa. Para a coleta de dados realizou-se uma entrevista, usando-se um formulário semiestruturado e um roteiro temático. Foram entrevistadas, aleatoriamente, 10 mulheres, mães, com idade entre 23 e 48 anos. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Em seguida, os textos resultantes foram submetidos à análise do discurso de acordo com as seguintes categorias: A mulher contemporânea considera a maternidade como um dos fundantes do feminino; significado das repercussões e transformações de uma gestação que influenciaram em sua identificação como mãe; a tendência da mulher contemporânea em adiar sua maternidade para garantir a busca de uma realização profissional, e a nova visão de conjugalidade entre homem e mulher: compartilhamento de tarefas. **Resultados:** Nossos resultados apontam para o fato de que, apesar de novas possibilidades terem sido abertas para as mulheres, ainda prevalece, em nosso contexto de estudo e análise, antigas visões que associam a realização da mulher, obrigatoriamente, com a maternidade. **Conclusões:** É possível perceber que a valorização da maternidade é muito forte. Deste modo, novos arranjos são realizados para que a maternidade seja contemplada no percurso de vida das mulheres, ou seja, a mulher de hoje incorporou novos e distintos papéis sem, contudo, abrir mão do ideal moderno da maternidade.

Palavras-chave: Maternidade. Gravidez. Relações Mãe-Filho. Feminismo. Identidade de Gênero.

*Pós-Doutora em Saúde Pública pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia/UFBA. Doutora em Ciências da Saúde (UFRN). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora Titular e Gerente de Cursos FAINOR. E-mail: lucianareisfainor@gmail.com.

** Graduada em Sociologia pela Universidade de São Paulo – USP; Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo - USP; Docente adjunta III do IMS-CAT/UFBA - Campus Vitória da Conquista/BA; Pesquisadora da Universidade de São Paulo – USP do NESC/UFBA; coordenadora do grupo de pesquisa Interssecções no campo da saúde reprodutiva: Estudo sobre relações de gênero e raça/etnia na região do sudoeste da Bahia – UFBA; E-mail: raquelsouza@hotmail.com.

*** Graduado em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade- PPGMLS/UESB. Bolsista pela CAPES. E-mail: maykon_ufba@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, são observadas mudanças de comportamento das pessoas devido às novas configurações sociais decorridas do capitalismo. Entre as mudanças mais significativas e de particular interesse para nosso estudo estão àquelas ocorridas na relação entre mãe e filhos, mulher e maternidade (SOUZA, 2005; MOURA, 2004; MANSUR, 2003; SCAVONE, 2001; ROCHA-COUTINHO, 2004; BIASOLI-ALVES, 2000). Apesar da maioria das mulheres continuarem a se tornar mãe em algum momento da sua vida, tem havido uma tendência crescente entre elas de adiar e/ou optar por não ter filhos (GISLLEPIE, 2003).

Há algum tempo, os conceitos de instinto e de natureza humana vêm sendo questionados quando o assunto é maternidade; tal ideia tem sido configurada como uma ideologia, uma construção social e histórica. Entretanto, tais construções ideológicas ainda permanecem no cotidiano das mulheres. Trata-se de um discurso que envolve questões sociais e relações de poder, que modulam modos de agir e práticas sociais.

É importante notar que, na contemporaneidade, surgem novas possibilidades de inserção para as mulheres nos espaços da vida pública, possibilitando múltiplas novas experiências, as quais, antes eram impossíveis de ser obtidas por estarem submetidas a valores sociais, cuja força social, política e cultural não pode ser desconsiderada. Desse modo, podemos identificar que, ao mesmo tempo em que há um incentivo à profissionalização da mulher, cobrança por parte dos pais e da sociedade para que as meninas estudem e invistam em uma carreira profissional, permanece a expectativa de que um dia elas venham a cumprir seu o papel, o de ser mãe.

Segundo Grisci (1994) A mulher é “condicionada” desde a sua infância e preparada para ser mãe, através de bonecas, brincadeiras de casinha, todo o seu condicionamento é voltado para a maternidade. Toda esta visão acerca da maternidade agrega expectativas que acompanham desde a gestação da mulher até a criação de seus filhos. E dessa forma, foi no transcorrer da história, que a identidade feminina veio se

construindo através da maternidade. A sequência menina-mulher-casamento-maternidade foi institucionalizada e naturalizada na maioria das sociedades (GRISCI, 1994).

De acordo com Badinter (1985) o amor materno existiu ao longo dos tempos, mas a partir do século XVIII, houve uma exaltação em relação ao amor materno, sendo este instituído como um valor social e natural das mulheres. Assim a maternidade era entendida pela sociedade como um papel exercido pelas mulheres, papel este que lhes proporcionavam status e poder dentro da família. O exercício da maternidade tornava-se um papel recompensador para as mulheres, esta responsabilidade maternal com os cuidados dos filhos indicava que um novo aspecto místico vinha surgindo, o mito do amor materno. Surgia então, a associação do “amor” com o “materno”, institucionalizando a mulher como mãe. Dessa forma, era esperado que as mães se sacrificassem em prol dos filhos e zelassem pela sua saúde. Assim a maternidade passa adquirir outro sentido, além de cuidar do filho, coube à mulher também assegurar sua educação, pois a sociedade lhe atribui estas funções e

institui como sendo da “natureza” da mãe, estes deveres.

Logo, a partir dessas novas atribuições da mãe dentro do grupo familiar, a mulher passou a ter um novo lugar não somente na família, mas perante a sociedade. E este lugar que a mulher passou a ocupar veio atrelado ao modelo de boa mãe, onde os filhos eram sua maior virtude. Neste contexto, no final do século XIX, em que a mulher tinha como função principal o exercício da maternidade, o mito do amor materno foi se fortalecendo e as mulheres, cada vez mais, tinham sua identidade atrelada à maternidade e a necessidade de ser uma boa mãe. A maternidade começava, então, a ser compreendida como uma construção social, que designava o lugar das mulheres na família e na sociedade. E esse amor materno passou a ser exaltado, contrapondo a indiferença materna presentes até os séculos XVI (BRAGA; AMAZONAS, 2005). Mas é necessário salientar, que a indiferença materna existente até o século XVI, não se dava pela falta de amor da mãe com o filho, mas para evitar um grande sofrimento da mãe em caso de morte do filho. Sabe-se que neste período, a taxa de mortalidade dos bebês era elevada,

devido às condições de higiene e pela falta de estrutura na área médica (ARIES, 1975).

Porém, com o surgimento dos movimentos feministas, algumas transformações sociais começaram a ocorrer e foi no final do Século XX que as mulheres começaram a não aceitar mais a definição de maternidade como “natureza feminina” e o mito do amor materno foi sendo entendido como um produto da transformação social, um sentimento adquirido e incorporado pela sociedade (KUDE, 1994). Dessa maneira, diante destas transformações sociais que vêm ocorrendo, assim como no campo da “contracepção”, tem possibilitado às mulheres uma opção de escolha da maternidade. Junto com esta possibilidade de escolha, criou-se um dilema de “ser ou não ser mãe”, mas apesar de todas as possibilidades e transformações sociais que vêm ocorrendo, a maternidade continua sendo um elemento muito forte na nossa sociedade e está atrelada a identidade feminina, ainda muito representada através da maternidade (SCAVONE, 2001).

Pode-se observar, especialmente, no caso das mulheres das camadas

sociais médias e altas, a diminuição da taxa de natalidade. Isso pode ser explicado, pelo menos, em parte, pelo número crescente de mulheres que estão descobrindo que a vida pode proporcionar outras experiências emocionais e de realização pessoal, além da maternidade (ROCHA-COUTINHO, 2005). Contudo, percebe-se então a chegada de uma nova mulher, mas que ainda vive sob “o manto” das velhas representações sociais, no qual são cobradas e comparadas com o velho modelo de mãe idealizada. Esta mulher que muitas vezes não deseja seguir os passos de sua mãe, suas avós, quer traçar seu próprio caminho, que pode incluir a maternidade, mas que não dependem mais dela para se constituírem enquanto sujeitos (AZEVEDO; ARRAIS, 2006).

Desse modo, apesar de estarmos num contexto histórico de evoluções, no qual muita mudança vem ocorrendo, o ser mãe, ainda é visto como o maior acontecimento na vida da maioria das mulheres. E assim a mulher atual busca uma forma conciliatória, nem sempre plenamente alcançada, realizar estas duas “prioridades” de sua vida: a maternidade e a carreira profissional. Mas é necessário ressaltar que com as

mudanças que aconteceram na sociedade a partir da entrada das mulheres no mercado de trabalhos e sua participação no sistema financeiro familiar, acabaram por imprimir um novo perfil à família. Em contraponto à estrutura familiar tradicional, tanto o pai como único provedor e a mãe como única responsável pelas tarefas domésticas e os cuidados com os filhos, a maioria das famílias brasileiras de nível socioeconômico médio vive um processo de transição. Atualmente, em muitas famílias já percebe uma relativa divisão de tarefas, nas quais pais e mães compartilham aspectos referentes às tarefas educativas e à organização do dia-a-dia da família.

No entanto, essas mudanças, parece não estar ocorrendo com a mesma frequência e intensidade em todas as famílias. Hoje em dia é possível encontrar famílias com diferentes configurações e estruturas, o que implica diretamente na divisão de tais tarefas. Existem modelos familiares nos quais segue vigente a tradicional divisão de papéis; outros nos quais maridos e esposas dividem as tarefas domésticas e educativas e, ainda, famílias, nas quais as mulheres são as principais mantedoras financeiras do lar, mesmo acumulando a maior

responsabilidade pelo trabalho doméstico e educação dos filhos (FLECK; WAGNER, 2003).

Dados mostram que entre o ano 2000 e 2005, a população economicamente ativa feminina passou de 28 para 41,7 milhões, a taxa de atividade entre mulheres aumentou de 47% para 53%, entretanto, apesar das mudanças em relação ao mercado de trabalho, as mulheres permanecem como as principais responsáveis pelas atividades domésticas, cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas (BRUSCHINI, 2007).

Portanto, as mulheres ainda arcam com o maior ônus pelas mudanças nos papéis de gênero e familiares, porque se encontram sobrecarregadas com essa dupla jornada de trabalho (FLECK; WAGNER, 2003). Além de exercerem o seu trabalho fora de casa, as mulheres assumem o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos. Apesar dessas mudanças, ainda hoje, as mulheres tendem a assumir uma maior parcela de responsabilidades em relação aos cuidados com os filhos, já que a maternidade permanece sendo vista como

prioritária na vida das mulheres. Aparentemente, há uma forte vinculação entre o significado de ser mulher e de ser mãe, e isto faz parte do senso comum em nosso contexto de análise. A maior expectativa dirigida à mulher ainda é a de que seja mãe, e, consonante a isso, a mulher parece precisar ser mãe para se sentir “mais” feminina.

Este Estudo foi desenvolvido mediante as discussões sobre esse contexto de maternidade na contemporaneidade durante a participação no Projeto de pesquisa “Intersecções no campo da saúde reprodutiva: Estudo sobre relações de gênero e raça/etnia na região do sudoeste da Bahia”, desenvolvida na Universidade Federal da Bahia/IMS-CAT/Campos Anísio Teixeira-Vitória da Conquista/BA. Durante a execução desse Projeto foram reacendidas inquietações, dúvidas e antigas reflexões foram somadas, que fundamentaram a origem deste trabalho.

Os problemas levantados foram: Casar ou permanecer solteira (ou ambas as coisas, cada qual em seu momento)?, ter ou não ter filhos?, abraçar uma profissão, são opções que não mais implicam escolher entre liberdade e sujeição, pois a mulher contemporânea

cogita inventar o próprio destino de acordo com suas necessidades internas, o que significa ser mãe hoje?, considerando novas estruturas e conjunturas sociais, como é ser mãe hoje?, tais questões são estruturadoras da compreensão da maternidade como um fenômeno biopsicossocial?

Perante tais questionamentos, surgiram as hipóteses, que nortearam este estudo: 1 A mulher contemporânea considera a maternidade como um dos fundantes do feminino. 2. Existe a tendência da mulher contemporânea em adiar sua maternidade para garantir a busca de uma realização profissional. 3. É importante para a mulher contemporânea trabalhar e ter independência financeira para então ter filhos.

Para fundamentar essas hipóteses buscou-se, durante o desenvolvimento do trabalho, compreender a relação que há entre essas questões e o papel da mulher contemporânea quanto à família e à maternidade, suas expectativas em relação ao trabalho e a busca da realização profissional. Diante desse contexto, este estudo objetiva identificar e compreender a visão da maternidade no contexto do sudoeste baiano.

2 MÉTODOS

A metodologia utilizada neste trabalho consistiu em uma pesquisa exploratório-descritiva, que percorre a trajetória da pesquisa qualitativa. O uso de métodos qualitativos, além de permitir desvelar processos sociais, ainda pouco conhecidos, referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias de sentido durante a investigação (MINAYO, 2007; FLICK, 2009).

Na busca da compreensão da maternidade como um fenômeno de dimensões biopsicossocial, utilizou-se para coleta de dados dois instrumentos: um formulário semiestruturado com 31 questões sobre a caracterização socioeconômica e da história reprodutiva das mulheres selecionadas; e um roteiro temático, composto por 26 questões para entrevista em profundidade (sentido do discurso). Entre as questões do roteiro temático foram selecionadas para a análise de dados desse estudo apenas aquelas relacionadas com a maternidade (questões 25 e 26), mas ainda considerando no contexto de análise, os sentidos do discurso foram criados.

Foram entrevistadas dez mulheres de classe média, residentes na região do sudoeste da Bahia, na faixa etária de 23 a 48 anos, e escolaridade entre ensino médio e superior completo. A escolha das participantes foi aleatória, a partir de contatos da rede social do pesquisador.

Para realização da entrevista foi estabelecido um primeiro contato com a finalidade de explicar os objetivos da pesquisa, esclarecer sobre a liberdade de participar e as questões éticas como o respeito e o sigilo dos dados. Seguiram-se, nesse Estudo, as orientações da Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) sobre a pesquisa em seres humanos. Para tanto, o trabalho foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UESB (Protocolo 075/2010). O respeito à liberdade de decisão em participar da pesquisa e privacidade dos participantes foi garantido. Todas entrevistadas após a leitura, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme as orientações da Resolução 196/1996. Com vistas a preservar a identidade das participantes, as mulheres foram identificadas no estudo com nomes de flores: Violeta, Margarida, Rosa,

Tulipa, Flor de Liz, Amarílis, Dália, Hortênsia, Açucena e Acácia.

Para realizar a entrevista o pesquisador agendou uma data e um horário com as participantes e foi à suas respectivas residências. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas, lidas, separadas, respeitando-se a singularidade de cada sujeito. Os textos resultantes dessa transcrição foram submetidos a uma análise segundo os fundamentos da análise qualitativa e foram criados nomes fictícios para as entrevistadas. Em seguida, construíram-se categorias de análise que permitiram identificar, a mulher contemporânea considera a maternidade como um dos fundantes do feminino, significado das repercussões e transformações de uma gestação que influenciaram em sua identificação como mãe, a tendência da mulher contemporânea em adiar sua maternidade para garantir a busca de uma realização profissional, e a nova visão de conjugalidade entre homem e mulher: compartilhamento de tarefas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A mulher contemporânea considera a maternidade como um dos fundantes do feminino

Discutindo o significado dos filhos, essas mulheres mostraram que são muito comprometidas com a maternidade e não abdicaram do modelo tradicional feminino nessa dimensão, declarando que valorizam o fato de ser mãe. Dessa maneira, a maternidade foi definida pela maioria das participantes como "a essência da condição de ser mulher" (ROCHA-COUTINHO, 2004, p.8).

A maternidade foi fortemente caracterizada pelos elementos do sagrado, como um elemento definidor único e especial na vida da mulher, que promove mudanças radicais em suas vidas. A maternidade dá sentido e equilíbrio à vida da mulher, fazendo-as se sentirem mais fortes, responsáveis e realizadas, experimentando sentimentos de terem se tornado, verdadeiramente, uma mulher (ZIMMERMANN, 2001), como visto nas falas abaixo:

"[...] ser mãe é tudo de bom, é uma dádiva de Deus, é um presente de Deus, sendo no momento certo e na hora certa [...]. É um ser que Deus empresta ali, pra você cuidar. É educar, né? Pra mais tarde você ver os frutos do fruto que Deus te deu". (Violeta, branca, 33 anos, casada, 2 filhos)

"[...] uma transformação, uma mudança radical, assim, é bom, é muito bom né?! Você tá gerando ali outra vida, né?! É muito bom;

“você ver crescer”. (Dália, preta, 36 anos, casada, 3 filhos)

“[...] maternidade é uma coisa bonita, sagrada, que deve fazer parte da vida das mulheres”. (Amarilis, preta, 48 anos, 2 filhos)
“[...] ah, é muito bom, ser mãe é maravilhoso. Ser mãe é muito bom, ser mãe é maravilhoso”. (Açucena, Branca, 46 anos, casada, 2 filhos)

Tais resultados corroboram com os estudos nos quais a concepção da maternidade é tida como algo ideologicamente associado à natureza feminina e presente no discurso das nossas interlocutoras-mães. A concepção da maternidade como inerente à natureza feminina continua presente no discurso internalizado de grande parte das mulheres, mães ou não (SOUZA, 2005), como visto nos discursos abaixo:

“[...] a maternidade é um complemento da família, né?! Se não há maternidade não há família, eu acho muito importante para a mulher, eu acho que a mulher já nasce com esse desejo de ser mãe, de tá ligada a alguma coisa, então a maternidade para uma mulher é uma coisa muito boa. [...] a maternidade é o complemento da nossa sociedade, se não há maternidade não há sociedade”. (Hortênsia, branca, 37 anos, casada, 2 filhos)

“[...] a maternidade é algo que está implícito realmente na essência da mulher, sou mulher e também quero ser mãe, né?! A maternidade é algo que faz bem, reafirma muito a nossa

feminilidade”. (Amarilis, preta, 48 anos, casada, 2 filhos)

Tais discursos traduzem-se no sentido da maternidade como “destino natural e inevitável” para a mulher, perspectiva profundamente arraigada nas concepções e discursos e nos modos de agir e pensar dessas mulheres, pois tais ideias orientam a ação e a maneira de se inserir no mundo. A maternidade é caracterizada como “maravilhosa”, “única”, que não pode ser mudada. Ideias da maternidade como algo ligado ao sagrado são evidentes em frases como “ser mãe é padecer no paraíso”, a dor e o prazer implica a conjugação de aspectos positivos e negativos, de recompensas e sacrifícios, como descritos a seguir:

“[...] pra mim, ser mãe é ser tudo, é um pouco [...] como se diz aí na história, é padecer um pouquinho no paraíso, mas é bom, eu gostei da questão ser mãe, e gosto, eu sempre sonhei em ser mãe, e eu amo ser mãe, eu quero ser mãe para sempre. [...] é difícil, porque a gente ver muitas necessidades, muitas condições, muitas prioridades, [...]”. (Rosa, branca, 48 anos, casada, 2 filhos)

“[...] ser mãe? É padecer no paraíso, é isso, é muito bom é! É um privilégio, me senti realizada, né? Mas tem as dificuldades, não é fácil, não é brincadeira criar um filho”. (Margarida, branca, 35 anos, casada, 2 filhos)

Como se pode ver acima, as falas de Rosa e Margarida trazem o ideário do devotamento e do sacrifício, a visão da maternidade como um sofrimento voluntário e indispensável para a mulher normal, o que ainda hoje parece estar fortemente presente no pensamento social.

3.2 Significado das repercussões e transformações de uma gestação que influenciaram em sua identificação como mãe

A discussão sobre a maternidade implica também na associação com a gravidez, período de cerca de quarenta semanas, entre o momento da concepção e o parto, fase que se caracteriza por modificações no corpo da mulher e que são acompanhadas por vivências pessoais em sentido amplo.

Na abordagem dessa temática, gravidez, os relatos são densos e direcionados a caracterização da maternidade como um evento singular na vida das mulheres, é caracterizado por elementos mágicos e vivenciados por gradativas mudanças de diferentes ordens, tanto biológicas, psicológicas como sociais.

A gravidez é caracterizada como um momento mágico na vida da mulher porque envolve a existência da mulher em sua totalidade, altera a imagem corporal, psicológica e social e intervém diretamente na sua inserção no mundo (ZIMMERMANN, 2001). Tais transformações exigem adaptações; tanto biológica como estrutural, pois altera o modo de vida e, por vezes, o comportamento social, como podemos visualizar nos trechos a seguir.

“[...] ah, pra mim foi uma coisa maravilhosa, uma coisa mais bonita que possa existir, acho que pra uma mulher, a gravidez, a gestação é uma situação assim, iluminada por Deus, acho que foi a coisa mais bonita que Deus deixou na face da terra, foi a gestação pra mulher, é divino, é lindo, maravilhoso”. (Rosa, branca, 48 anos, casada, 2 filhos)

“[...] eu fiquei bastante emocionada, era uma coisa nova, né?! Eu não sabia nem como lidar com essa situação, mas agente vai aprendendo aos poucos”. (Hortênsia, branca, 37 anos, casada, 2 filhos)

“[...] eu não sentia quase nada, foi uma gravidez normal, sentia assim, diferença no corpo, a mudança, parece assim um negócio mágico né?! Quando você descobre que está grávida muda seu organismo todo aí você sente umas coisas, mas eu acho que é normal. [...] bem, teve algumas vezes que eu pensava assim, oh será eu meu filho vai viver? Vai nascer?”. (Tulipa, preta, 42 anos, casada, 1 filho)

“[...] todas as minhas gestações foram maravilhosas, não tem o

que falar não, eu não fiquei doente, não senti nada, foi ótimo. Eu tive aqueles probleminhas que tem na gravidez né? Normal, da própria gravidez, mas nada mais além". (Margarida, branca, 35 anos, casada, 2 filhos)

Assim, a gravidez é considerada para muitas mulheres um momento especial, mas nem todas têm o mesmo pensamento. Para algumas, esta fase da vida pode gerar sentimentos não positivos (MOURA, 2006), como descritos abaixo por algumas entrevistadas:

"[...] nenhuma das gravidezes foram assim, tranquilas, né?! Então todo aquele mal estar, tudo que você pensar que uma mulher grávida possa ter; muito enjoo, náuseas o tempo todo, enjoo, vomitava muito, muita câibra, dores de ouvido, dores de dente, dor de cabeça, a pressão subia, e fazia aquela oscilação rapidinha de um pico a outro rapidinho, então muito mal estar". (Amarillis, preta, 48 anos, casada, 2 filhos)
"[...] a gestação foi tranquila, mas o parto eu não gostei muito não viu (risos), muita dor, dói de mais, é uma dor que a mulher não deveria sentir, mas como tem lá e é bíblico isso, sentir a dor do parto, então toda mulher tem que passar por isso, e a gente amadurecem mais a partir do parto, dar mais valor até a própria vida". (Tulipa, preta, 42 anos, casada, 1 filho)

As alterações psicológicas associadas à gestação podem ser sutis ou marcantes. Embora sejam normais e necessárias, podem ser desconfortáveis e até mesmo causar medo, como

observado em um dos discursos das entrevistadas:

"[...] senti medo, por eu não saber se ia dar conta, de saber criar, souber, de não saber fazer nada, não saber dar educação, fiquei com muito medo, medo, medo, medo também de morrer no parto, tive esses medo tudo e ela ficar aí só, fiquei com muito medo". (Flor de Liz, branca, 23 anos, casada, 1 filho)

A gravidez desenvolve-se melhor quando a mulher recebe apoio e atenção, trazendo momentos de felicidade, pois além de gerar um novo ser, a mulher mãe passa por sentimentos intensos e transformadores (MOURA, 2006; CAMACHO, 2010; LUZ, 2007).

"[...] eu já fui falando alto pra todo mundo "eu estou grávida," eu não guardei segredo. [...] embora ele não tenha ficado muito ao meu lado, eu ficava sozinha, precisava de atenção, carinho naquele momento, eu estava trabalhando, eu não tava morando com meus pais, eu já tinha uma determinada independência, e eu acho que isso foi o que me ajudou muito". (Acácia, parda, 32 anos, casada, 1 filho)

Como descrito acima, a gestação traz sensação de apreensão, receio, mas também carregada de sentimentos de amor, alegria, felicidade que valoriza o instinto e dá resposta às expectativas sociais. A gestação pode ser considerada então, como uma fase marcada por um

estado de sentimentos, devido à expectativa das grandes mudanças que estão e continuará a acontecer, a mulher passa, então, a se ver e ser vista de maneira diferenciada, assumindo um novo papel: o de ser mãe (CAMACHO, 2010).

3.3 Existe a tendência da mulher contemporânea em adiar sua maternidade para garantir a busca de uma realização profissional.

Muitos fatores estão envolvidos na decisão da mulher não ter mais filhos. Antes vista como uma consequência inevitável do casamento, hoje parece que ela é encarada mais como uma opção de vida que envolve diferentes questões, como investir em uma carreira profissional, conquistar estabilidade financeira e afetiva, manter a liberdade, entre outros. Esse momento caracteriza-se pelo fato de muitas mulheres passarem a se preocupar com a realização acadêmica e a valorizar a construção de uma carreira profissional, vislumbrando uma condição necessária para o sucesso em sua vida. Assim, quando questionadas se ainda queriam ter outros filhos, as interlocutoras relataram não querer mais vivenciar a maternidade, como descrito a seguir:

"[...] eu já tenho duas filhas e pra mim já encerrou minha conta, já é suficiente e eu tô agora nesse momento pretendendo, né? Dá uma levantada na minha vida profissional, fazer uma faculdade, que eu não tive tempo de fazer. Hoje eu tô tendo essa oportunidade, minhas filhas estão crescendo então tá na hora de pensar um pouco em mim, e um filho agora só iria me distanciar do meu sonho, do meu objetivo de vida também". (Margarida, branca, 35 anos, casada, 2 filhos)

"[...] seria muito difícil nesse momento e eu acabei também de ser nomeada como professora do estado e aí eu teria que assumir uma dupla, ia ser o quê? Quatro jornadas né?! Cuidar dos filhos, cuidar da casa, trabalhar e estudar". (Acácia, parda, 32 anos, casada, 1 filho)

"[...] eu já tô com a idade assim, madura, né?! Agora tem que pensar em outras coisas, não é isso". (Rosa, branca, 48 anos, casada, 2 filhos)

Assim, as mulheres assumem, a partir desse momento, o discurso da "escolha", a possibilidade contemporânea, e da vivência "harmoniosa" com as múltiplas atribuições em que as mulheres contemporâneas estão inseridas. Uma das formas encontradas pelas interlocutoras, como meio para conciliar o antigo discurso sobre maternidade com o discurso mais moderno e atual, foi situar as questões em termos de "escolhas pessoais". Isto é, as pessoas não mais

precisam se submeter a papéis pré-estabelecidos.

A partir do momento que elas declararam "que o momento ideal para ter filho é ter um companheiro que também queira ter filho, sendo também necessário ter condição financeira", ficou claro que é a busca de uma realização profissional que as move em direção a adiar ou não a maternidade. Pela fala, elas comprovam adiar a maternidade para buscar uma realização profissional, mas elas integram planejamento para ter filhos, o que também pode ser visto como um tipo de adiamento.

Até poderíamos dizer que, por isso, percebem-se dissociações entre os pensamentos e as ações delas. Mas não. O que poderia ser visto como um tipo de adiamento é, na realidade, uma maior integração. Elas mostram que não lidam com o filho como um objeto, mas sim com alguém que precisa ser integrado para ter suas potencialidades e capacidades desenvolvidas. E para isso, são necessárias condições objetivas, entre elas a financeira, a afetiva e o acolhimento. Essa visão de momento ideal para engravidar demonstra a terceira hipótese de que é importante a mulher trabalhar e ter independência financeira

para então ter filhos. Os nossos dados indicam que a mulher contemporânea adia a maternidade para garantir a realização profissional, e tem noção de que trabalhar e buscar essa realização traz a condição financeira para ter filhos.

Esses discursos trazem à tona a contradição entre a antiga visão da maternidade que confinava a mulher no espaço privado do lar e a nova ênfase que é dada no discurso social, assim como aos das próprias mulheres entrevistadas em relação à sua inserção na esfera pública ou mesmo no investimento em uma carreira profissional. Dessa forma, gerar menos filhos parece ser uma estratégia para melhorar as condições materiais de vida e promover a realização pessoal.

3.4 Nova visão de conjugalidade entre homem e mulher: compartilhamento de tarefas

Em relação à paternidade, as entrevistadas disseram perceber certas mudanças envolvendo, inclusive, uma maior participação dos homens na criação dos filhos. Apesar disso, parece, muitas vezes, mais fácil para o homem optar por ser pai do que para a mulher optar por ser mãe. Talvez isso se deva, pelo menos em

parte, à sua menor participação nas tarefas de casa e nos cuidados com os filhos, o que não prejudicaria outros aspectos de sua vida, principalmente seu trabalho, como acontece com as mães, sendo que na maioria das vezes somente a mãe é que participa no cuidado das crianças. Seguem algumas falas de nossas entrevistas a esse respeito:

“Eu acho, eu sei que atualmente tem vários pais, homens, que tão batalhando na justiça pela guarda dos seus filhos, e realmente eles tomam conta, mas assim o que eu ouço tanto do meu trabalho com os meus pacientes ou do, o que eu vejo por aí na sociedade em geral é difícil ver um homem que chega em casa e assume as mesmas responsabilidades que a mulher ou que vá tentar contribuir da mesma forma que ela, eles acabam se ausentando, porque eu acredito que desde a educação pais e mães passam que lugar de homem não é contribuir na casa” (Tulipa, preta, 42 anos, casada, 1 filho).

Para Violeta (branca, 33 anos, casada, 2 filhos) está ocorrendo agora com a paternidade o mesmo que aconteceu com a maternidade há alguns anos, ou seja, uma valorização maior dessa função, ou o que ela chama de “boom da paternidade”

“Olha, eu acho que os homens estão vivendo o momento que a mulher viveu quando foi dado a ela o papel de rainha do lar, mãe,

protetora, a gente sabe que houve um tempo em que o poder era do pai, a guarda, tudo, a ideia da mãe como a pessoa ideal pra criar os filhos foi construída socialmente num determinado momento e eu acho que os pais tão vivendo esse boom da paternidade, sabe, é é, e tão vivendo isso de uma forma muito, às vezes, ressentida por mulheres, acho que isso se por um lado une homem e mulher quando a é coisa genuína, é bacana e tal, ela também cria um fosso, acho que os homens tão disputando com as mulheres a maternidade, o filho, e às vezes de um lugar muito ressentido”.

Flor de Liz (branca, 23 anos, casada, 1 filho) complementa afirmando que, apesar de uma maior participação do pai, esta acaba se restringindo às atividades mais prazerosas

“Muito mais lazer, muito mais lazer, médico eles vão, mas a mãe tá sempre presente, porque quem entra mesmo com, a maioria dos casos a gente pode ver, eu trabalhei, eu fiz meu estágio de clínica no hospital, tem o pai, o pai ele tá ali, tá certo, tá sofrendo, é filho dele, tudo bem, mas é muito mais o motorista, ele é que leva pra fazer as atividades, se ele tá junto com a criança na frente da escola ele é o motorista, ele que vai levar a criança, ele que vai buscar, mas a questão de – oh, e a tarefa, vão bora, vamos fazer a tarefa, vem sentar aqui comigo, deixa que eu te explico –, isso sempre é passado pra mãe, pra mãe ou pra tia, alguém que faça essa função de mãe, os pais, nossa, é raro, é muito raro mesmo, não têm esse, esse cuidado, sabe, tá sempre priorizando a ele, acho que os homens são um pouco mais egoístas”.

Deste modo, pode-se perceber um aumento do questionamento acerca dos papéis masculino e feminino, antes tão bem delimitados, seja em relação à divisão das tarefas domésticas, seja no que diz respeito aos cuidados com as crianças, ou mesmo aos papéis exercidos por ambos no âmbito profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar, a partir dos nossos dados que as mulheres entrevistadas desempenham múltiplos papéis, tanto na vida pública como na vida privada, dedicando-se às atividades domésticas de manutenção do lar e de cuidado com os seus filhos. Além disso, percebeu-se que a concepção sobre maternidade é fortemente carregada de sentidos relacionados ao destino natural da mulher e a concretização do ideal de feminilidade.

A vivência da gravidez, nesse contexto, é influenciada por elementos culturais com significados singulares. Para a maioria das mulheres, a gravidez é um momento único e mágico, repleto de sentimentos de angústia, medo e felicidade, materializada na necessidade de ser fértil e mãe.

É possível que as mulheres hoje estejam vivendo o momento que Lipovetsky (1997) denomina o da “terceira mulher”, ou seja, a mulher contemporânea vem deixando de ser a “mulher-objeto” para se tornar dona de seu destino, de seu corpo e de um novo papel social. A mulher agora parece querer buscar independência e individualidade sem, contudo, abrir mão de um relacionamento com um homem que, assim como ela, valorize a igualdade de direitos e deveres entre os sexos e a divisão equitativa de tarefas e responsabilidades, sonhos e projetos.

Para a maioria das mulheres, e para a sociedade de modo geral, o ideal ainda é a possibilidade de conciliação da maternidade com a realização profissional. Sendo assim, a mulher contemporânea pode desempenhar novos papéis sem, contudo, abrir mão do antigo ideal da maternidade, pois só assim ela se tornaria um ser verdadeiramente completo. Ou seja, parece que novas opções podem ser feitas mais naturalmente pelas mulheres de hoje. Entretanto, dentre as escolhas abertas e disponíveis para elas permanece ainda, de forma forte, a maternidade como uma escolha ideal.

Desse modo, é necessário salientar que a sociedade atual vem passando por um processo de mudança, seja em relação ao que se entende por família e por maternidade/paternidade, seja no que diz respeito ao que é ser mulher e ser homem. Estas mudanças vêm apontando para a complexidade da opção feminina pela maternidade ou pela não-maternidade no momento atual. Do mesmo modo, pode-se perceber um aumento do questionamento acerca dos papéis masculino e feminino, antes tão bem delimitados, seja em relação à divisão das tarefas domésticas, seja no que diz respeito aos cuidados com as crianças, ou mesmo aos papéis exercidos por ambos no âmbito profissional.

Por fim, podemos dizer que muitas das questões levantadas no início deste trabalho não têm uma resposta única. As concepções da maternidade, a opção de não ter mais filhos e as responsabilidades maternas estão intrinsecamente relacionados à história de vida de cada mulher, mas também com outros fatores, em especial o trabalho e a busca de uma estabilidade profissional e financeira. Para a maioria das mulheres entrevistadas, o ideal seria conciliar a maternidade com a realização profissional. Desta forma, parece que a mulher hoje pode e deve encarnar novos papéis sem, contudo, abrir mão do ideal moderno da maternidade.

THE CONCEPTS OF WOMEN OF SOUTHWEST BAIANO ON MOTHERHOOD IN CONTEMPORARY

ABSTRACT

Objectives: To identify and understand the vision of maternity within the context of southwestern Bahia. Methods: this is an exploratory-descriptive study with qualitative approach. For data collection, was carried out an interview, using a semistructured form and a thematic guide. Interviews were conducted randomly with 10 women, mothers, Then, the resulting texts were submitted to a speech analysis in accordance with the following categories: Contemporary woman considers motherhood as one of the founding females, significance of the effects and transformations of pregnancy that influenced his identity as a mother, the tendency of contemporary women postponing motherhood to ensure the seeking a professional achievement, and new vision of conjugal between man and woman: task sharing. Results: Our results point to the fact that, even though new possibilities were open to women, still prevails in our study and analysis context old

visions that associate the realization of women necessary, with motherhood. Conclusions: It's possible to realize that the value of motherhood is very strong. Thus, new arrangements are words, the contemporary woman has incorporated new and different roles, however without giving up modern ideal of motherhood.

Keywords: Motherhood. Pregnancy. Mother-child Relationships. Feminism. Gender.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. ; BEJIN, A. **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- AZEVEDO, K. R.; ARRAIS, A. R. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicologia Reflexão Crítica**, v.19. n.2, p.269-76, 2006.
- BANDITER, E. **Um Amor Conquistado**: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.16, n.3, p.233-39, 2000.
- BRAGA, M. G. R.; AMAZONAS, M. C. L. A. Família: Maternidade e procriação assistida. **Revista Psicologia e Estudo**, v.10, n.1,p.10-18, 2003
- BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p.537-72, 2007.
- CAMACHO, K. G.; VARGENS, O. M. C.; PROGIANTI, J. M. Adaptando-se à nova realidade: a mulher grávida e o exercício de sua sexualidade. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 18, n. 1, p.32-7, 2010.
- FLECK, A. C.; WAGNER A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, v.8, n. esp. p.31-38, 2003.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GILLESPIE, R. Childfree and feminine: understanding the gender identity of voluntarily childless women. **Gender and Society**, v.17, n.1, p.122-136, 2003.
- GRISCI, C. L. I. Ser mãe: produção dele, reprodução dela. In: CARDOSO, R. S. (Org.) **É uma mulher**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- KEMKES-GROTTENTHALER, A. Postponing or rejecting parenthood? Results of a survey among female academic professionals. **Journal of Biosocial Science**, v.35, n. 2, p.213-226, 2003.
- KUDE, V. M. M. O mito da culpa materna. In: CARDOSO, R. S. **É uma mulher**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**: Permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LUZ, A. M. H.; BERNI, N. I. O.; SELLI, L. Mitos e tabus da maternidade: um enfoque

- sobre o processo saúde-doença. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.60, n.16, p.42-48, 2007.
- MANSUR, L. H. B. Experiências de Mulheres sem Filhos: a Mulher Singular no Plural. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.23, n.4, p.2-11, 2003.
- MYNAYO, M. C. S. Técnicas de análise do material qualitativo. In: _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.
- MOURA, E. R. F.; SILVA, R. M. Assistência humanizada ao parto a partir de uma história de vida tóxica. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.17, n.2, p.141-147, 2006.
- MOURA, S. M. S. R.; ARAÚJO, M. F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.24, n.1, p.45-55, 2004.
- NYE, A. **Teoria Feminista e as filosofias do Homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia da SBP**, v.12, n.1, p.2-17, 2004.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. In: FÉRES CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2005.
- ROUDINESCO, E. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- SCAVONE, L. Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. **Interface e Comunic Saúde Educ.**, v.5, n.8, p.47-60, 2001.
- ZIMMERMANN, A. et al. Gestação, Parto e Puerpério. In: EIZIRIK, C. L.; KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, A. M. **O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.